

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA- INHIS

PEDRO FERREIRA OLIVEIRA

O FUTEBOL E O CADERNO DE ESPORTE DA FOLHA DE SÃO PAULO EM 1980.

UBERLÂNDIA

2015

PEDRO FERREIRA OLIVEIRA

O FUTEBOL NO CADERNO DE ESPORTE DA FOLHA DE SÃO PAULO EM 1980.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Profª Drª Marta Emília Jacinto Barbosa.

UBERLÂNDIA

2015

PEDRO FERREIRA OLIVEIRA

**O FUTEBOL NO CADERNO DE ESPORTE DA FOLHA DE SÃO PAULO EM
1980.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marta Emísia Jacinto Barbosa.

Banca Examinadora

Professora Dra. Marta Emísia Jacinto Barbosa – Orientadora

Professor Me. Auricharme Cardoso de Moura

Professor Diego Marcos Leão

Uberlândia, 16 de Dezembro de 2015.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo através da Folha de São Paulo estudar a relação entre futebol e imprensa. Usando como base o Campeonato Brasileiro de 1980, o autor analisa no período de 07/01/1980 até 02/06/1980 quais são as principais questões levantadas pelo jornal sobre o futebol brasileiro naquele momento. Também aborda de forma sucinta, a relação existente entre futebol e política, além da vitoriosa campanha do Clube de Regatas do Flamengo naquele ano. O trabalho também busca entender se existe através das crônicas publicadas pelos jornalistas da Folha de São Paulo questões *clubistas* e *bairristas* envolvidas.

Palavras-chave: 1 História. 2 Futebol. 3 Imprensa.

ABSTRACT

Este trabajo tiene como objetivo por la *Folha de São Paulo* estudiar la relación entre el fútbol y la prensa. Utilizando como base lo Campeonato Brasileño de 1980, el autor analiza lo periodo comprendido entre 01/07/1980 hasta 02/06/1980 haciendo uno levantamiento de las principales cuestiones planteadas por el diario sobre el fútbol brasileño en el momento. También se analiza brevemente la relación entre el fútbol y la política, y la campaña victoriosa del Clube de Regatas do Flamengo em este año. El estudio también trata de comprender si existe a través de las historias publicadas por los periodistas de la *Folha de Sao Paulo* y asuntos *Bairristas* y *Clubistas* involucrados.

Palabras claves: 1 Historia. 2 Fútbol. 3 Prensa.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de uma longa caminhada que só foi possível devido a algumas pessoas especiais. Por isso deixo aqui o meu mais profundo agradecimento:

As professoras Daniela Magalhães da Silveira e Marta Emísia Jacinto Barbosa. Daniela foi a principal responsável por me auxiliar e abrir as portas na construção de minha vida acadêmica graças ao projeto de iniciação científica e a bolsa de auxílio ao qual fui selecionado para participar. Já a professora Marta Emísia, agradeço além da ótima experiência proporcionada como monitor em uma de suas disciplinas. Agradeço imensamente por sua coragem em abraçar este projeto e me ajudar a concluí-lo mesmo diante de tantas dificuldades.

Agradeço também a contribuição importantíssima de alguns amigos especiais sem quais provavelmente eu já teria desistido de muitas coisas: Jean Sulyvan Silva Alves por sua amizade sincera e companheira que jamais irei esquecer, e por me aguentar apesar do meu jeito difícil. Deixo também, um especial agradecimento a Lia Stefanni Domingues Caminotto cuja companhia e paciência foram fundamentais nos desabafos do dia a dia. Também deixo um especial abraço a todos os sobreviventes da 38ª turma de história da Universidade Federal de Uberlândia, simplesmente por serem os melhores.

Por fim, agradeço a Deus por ter me dado forças para continuar e a meus pais, Antonio Ferreira Filho e Maria do Socorro Oliveira por terem respeitado minhas escolhas, e sempre terem me apoiado em todos os momentos desta caminhada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1- O Jornal a Folha São Paulo: imprensa, futebol e história no campeonato brasileiro de 1980.....	11
CAPÍTULO 2- A pré-temporada do futebol em 1980. Os jovens atletas e a preparação dos clubes para a taça de ouro.....	21
CAPÍTULO 3- Campeonato brasileiro de 1980: a trajetória do campeão contada em crônicas.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
FONTES.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47

Oliveira, Pedro Ferreira.

O Futebol no caderno de esporte da Folha de São Paulo em 1980 / Pedro Ferreira Oliveira – Uberlândia, 2015

_____ (47) f. : il.

Orientadora: Profa.Marta Emísia Jacinto Barbosa

Monografia (Graduação)- Instituto de História, Cursos de Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

1. Futebol. 2. Folha de São Paulo. 3. Imprensa.

Título

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu da enorme vontade de se escrever sobre futebol no Brasil. Após o vexame da copa do mundo de 2014, algo me intrigou a entender o que teria acontecido com o futebol brasileiro que durante tanto tempo foi reconhecido como referência mundial de talento e conquistas.

Ao realizar algumas pesquisas para este trabalho, percebi que a imprensa por meio de cronistas eram os principais responsáveis por formar diversas opiniões acerca da situação do esporte no Brasil, produzindo assim importantes contribuições para a organização e gestão do mesmo.

Contudo em praticamente todas as pesquisas que realizei prevalecia sempre um sentimento de que mesmo com as vitórias, algo sempre estava faltando ao futebol brasileiro. A partir daí, resolvi focar o meu estudo para o ano de 1980 buscando entender como a imprensa lidava com uma geração que é considerada por muitos torcedores como a melhor que o Brasil já teve. Composta por jogadores do calibre de Falcão, Zico, Sócrates e Toninho Cerezo muitos acreditavam que provavelmente a seleção brasileira encantaria o mundo com um futebol vistoso e alegre.

Apesar disso, o que se viu durante o ano de 1980, são incertezas com relação aos rumos que o nosso futebol tomava. A seleção brasileira vinha de uma reconstrução, com Telê Santana em seu comando e a Confederação Brasileira de Futebol e os clubes começavam a questionar alguns modelos colocados pela ditadura militar com relação à gestão do esporte. Além disso, é importante salientar que o ano de 1980 é responsável por lançar ao cenário nacional um dos maiores clubes do Brasil, o Clube de Regatas do Flamengo que posteriormente praticamente dominou o futebol brasileiro por 10 anos.

Partindo deste cenário, quero entender como se deu a relação da imprensa com o futebol em 1980, e quais questões ficaram mais presentes neste período. Para isso, vou estudar a Folha de São Paulo, durante o período 07/01/1980 até 02/06/1980. Este recorte compreende a pré-temporada do futebol brasileiro, incluindo a Taça São Paulo de Futebol Júnior que é referência

para o surgimento de novos atletas. Escolhi a Folha de São Paulo, buscando entender como um jornal paulista recebeu a vitória de uma equipe carioca e se por parte dos cronistas existiu algum sentimento de *clubismo* e *bairrismo* nas mesmas.

Num primeiro momento, relembro um pouco a relação entre Imprensa e Futebol no Brasil, voltando nos primeiros anos do esporte principalmente no Rio de Janeiro. Também falo um pouco da relação da Folha de São Paulo com o futebol apresentando alguns temas que serão trabalhados de forma mais profunda um pouco mais adiante.

Depois, estudo o período que compreendeu a pré-temporada do futebol brasileiro em 1980 abordando a forma que o jornal lidou com os futuros jogadores do nosso futebol, e a movimentação e transações dos atletas entre os clubes, se reforçando para o campeonato brasileiro que estava prestes a começar.

Por ultimo, analiso como se deu a campanha vitoriosa do Clube de Regatas do Flamengo na competição através das crônicas dos jornalistas da Folha de São Paulo. Busco entender como o jornal reagiu à vitória da equipe, e se existiu algum sentimento de *clubismo* e *bairrismo* com relação às equipes paulistas.

CAPÍTULO 1

O JORNAL A FOLHA DE SÃO PAULO: IMPRENSA, FUTEBOL E HISTÓRIA NO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1980.

Imprensa, futebol e porque não História estão interligados no Brasil a mais tempo do que imaginamos. Desde que foi trazido para cá o Futebol gerou curiosidade tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro e com os anos rapidamente cresceu para se tornar o esporte mais popular do país.

Duas pessoas merecem fundamental destaque no surgimento do futebol no Brasil. Oscar Cox e Charles Muller. Suas histórias até se misturam, pois ambos realizaram caminhos próximos para conhecer o esporte e trazê-lo pra cá. Descendentes de Ingleses ambos tiveram o privilégio de passar alguns anos na Inglaterra para estudar e na bagagem aproveitaram para trazer algumas Bolas e regras do jogo para o Brasil. Foi aí plantada a semente para algo que tomou proporções gigantescas anos mais tarde.

Apesar das proporções gigantescas que tomou, o futebol em seus primórdios no Brasil não gerou de cara uma aproximação. Leonardo Affonso de Miranda no livro *“Footbalmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938”* conta um pouco da história desse esporte quando ele chegou ao Rio de Janeiro e nos alerta que:

“Sem ver necessariamente nele os encantos que atualmente nos parecem muito naturais, os contemporâneos de Cox poderiam olhá-lo como um jogo brutal e sem sentido – nos quais onze homens, correndo de um lado para outro atrás de uma bola, lutavam contra outros onze para fazê-la passar por debaixo de três balizas de madeira” (PEREIRA, 2000, pg.23).

Pereira levanta um importante questionamento: o futebol não caiu nas graças dos brasileiros a partir simplesmente das regras do jogo em si. O estranhamento ao esporte nos seus primeiros anos acabou fazendo com que o mesmo ficasse um pouco restrito aos clubes compostos por descendentes de

britânicos. É nesse momento que a imprensa começa a tomar seu papel na vida desse esporte.

A primeira partida de futebol realizada por Oscar Cox, apesar do pouco publico presente, graças a seus esforços acabou indo parar nas paginas do *Correio da Manhã*. E mesmo com a crítica do cronista com relação ao fato da partida ter terminado em empate, o que se repetiu até o cronista ter desistido de falar sobre o jogo ainda assim representou um marco interessante ao esporte. E ressalta ainda mais a noção de novidade que estava ali presente.

A sequência de empates das primeiras partidas realizadas no Rio de Janeiro apesar de frustrantes pelo placar serviram para mostrar quais os problemas que estavam impedindo o esporte de crescer ainda mais. Através do *Jornal do Commercio* divulgam a primeira partida interestadual no Brasil entre Cariocas e Paulistas. Com Oscar Cox e Charles Muller nos times vemos o surgimento de uma rivalidade histórica nascendo que mais tarde se consolida com Santos, Palmeiras, Corinthians e Vasco, Flamengo, Fluminense e Botafogo.

Falando nos clubes, Pereira destaca o rápido crescimento e surgimento de clubes pelo Rio de Janeiro. Do surgimento destes o que mais chama a atenção é o posicionamento da imprensa com relação a esses novos clubes. A grande imprensa do Rio de Janeiro acabava dando pouco espaço ao esporte alegando que o mesmo possuía um caráter elitista. Caráter tal que se refletia no Fluminense, que ao jogar segundo Pereira refletia os modismos e os hábitos europeus. Além disso, as roupas elegantes, os jogadores todos brancos filhos de famílias abastadas só contribuíam para reafirmar tal impressão.

Contudo, se o Fluminense apresentava esse lado mais elitista outros clubes que rapidamente se espalhavam na cidade foram fundamentais para mudar a forma que a imprensa enxergava o futebol. O Bangu, por exemplo, fundado em 1904 tinha suas raízes nos trabalhadores da Companhia Progresso Industrial uma fábrica de tecidos no mesmo bairro que leva o nome do clube. Aliás, apesar do receio no começo o surgimento do clube deveu muito ao apoio da fábrica que inclusive forneceu o uniforme da equipe e o

prédio que foi a primeira sede do clube. Se por um lado vemos o surgimento de um futebol no Bangu com um caráter mais operário, de outro lado temos o Botafogo trazendo a ruptura com as raízes inglesas em um clube totalmente “brasileiro” pela primeira vez. Apesar de brasileiro, o Botafogo em seus primeiros anos adotou um caráter bastante seletivo principalmente pela alta taxa de inscrição de 10\$000 e da mensalidade de 5\$000¹ além da idade mínima de 16 anos para a inscrição.

O surgimento crescente de vários clubes, além de toda a mudança que o esporte provocou na cidade faz a imprensa mudar de opinião. Seja por que o futebol se tornou notícia e não havia mais como não falar, ou por que de fato os cronistas passaram a entender melhor o esporte. A realidade que é a partir de 1905 em diante, o futebol ganhou seu lugar nas páginas dos jornais sendo explicando suas regras, os termos utilizados durante as partidas ou os jogos realizados. Junto com esse momento também, surgem diversos manuais explicando as técnicas corretas do esporte agregando ainda mais elementos para a sua popularização e prática.

O crescimento do futebol, e seu apego popular, leva a imprensa a produzir uma cobertura muito mais ampla de seus feitos. Os jornais passam a investir cada vez mais em sua cobertura criando cadernos de esportes recheados de matérias e crônicas que iam desde o futebol nacional até partidas internacionais. É neste momento que apresento o caderno de esportes da *Folha de São Paulo*. Meus objetivos são através de um jornal da grande imprensa entender como estas crônicas são construídas, como as partidas são comentadas e se existe algum “clubismo” por parte da imprensa com relação a alguns clubes.

Apesar de por minha parte ser considerada a notícia mais importante, era raro o futebol ganhar destaque de capa na *Folha de São Paulo*. Quando ganhava de fato era porque a partida era muito importante ou porque teve muita repercussão perante o público. Por não ser um jornal esportivo, a *Folha de São Paulo* preferia trazer primeiro colunas de opinião, seguidas pelas notícias do Brasil e do mundo além de informações sobre a economia e outros

¹ A moeda é o réis.

assuntos mais gerais como educação e saúde. Só depois aparecia a *Folha Esportiva* trazendo as crônicas e resultados das partidas. Por último a *Folha Ilustrada* encerrava o jornal trazendo matérias sobre cultura e lazer.

A *Folha Esportiva* não começava necessariamente falando de futebol. Trazia outros esportes entre eles a Fórmula 1, que iniciava sua década de ouro além reportagens do Vôlei, do Tênis e das corridas de cavalos. Apesar disso, quando se iniciava as reportagens sobre futebol uma página dentro do caderno de esportes era destacada como se fosse uma capa e depois vinham as matérias mais detalhadas com fotos e com as crônicas.

Dentro da parte que falava de futebol, o jornal trabalhava de tudo um pouco. Trazia reportagens sobre a seleção brasileira, notícias sobre a pré-temporada dos jogadores em preparação para o Campeonato Brasileiro, trazia informações sobre futuros jogadores (através da Taça São Paulo de Futebol Júnior) além das reportagens sobre os clubes principalmente Paulistas e Cariocas.

Os Jornais que serão utilizados englobam o período de 07/01/1980 até 02/06/1980. Escolho o ano de 1980 principalmente porque marca o surgimento do Flamengo no cenário nacional do futebol brasileiro (que acabaria dominando nos anos posteriores) e também por que neste momento os ares da redemocratização começam a surgir pelo país. Busco principalmente na organização do campeonato entender se este processo também está afetando o futebol.

Segundo Michelli Cristina de Andrade Gonçalves e Vera Regina Toledo Carmargo no texto *“A Memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re) contada através da literatura”* a política sempre esteve muito ligado ao futebol. Utilizado pela ditadura militar desde os tempos do golpe, o futebol serviu como ferramenta para se abafar os problemas sociais e manter a ordem. Através do CDB (Conselho Nacional de Desporto) a Ditadura se utilizou do futebol como propagandista de seus feitos reforçando a ideia de uma pátria vitoriosa tanto dentro quanto fora das quatro linhas.

Mais a partir de 1980 está formula parece perder um pouco da força. Principalmente por que esta postura começa a ir contra os interesses dos clubes que começam a lutar por um campeonato mais organizado, desligado deste lado político. Numa reportagem do dia 15/01/1980 é possível ver bem como a interferência do governo começava a ir contra os interesses dos clubes. Giulite Coutinho² presidente da CBF á época ao discutir a criação da Taça de Prata e da Taça de Ouro, equivalentes a atual series B e A do campeonato brasileiro mostra bem como essa relação politica e futebol não estavam agradando mais. Segundo a reportagem:

A politica, que já levou a CDB a transformar a Copa do Brasil “num campeonato de integração nacional”, que arrastou muitos votos para a arena, vai ser afastada do futebol. A declaração partiu do futuro presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Giulite Coutinho não deverá ter problemas para afastar a politica no futebol brasileiro, pois tanto a CDB como a arena estão extintos.

É bem verdade que a CBF terá autonomia e apoio do ministério da educação, segundo declarações do ministro Eduardo Portela , mas com o advento do PD ou PDS – qualquer que venha a ser o partido do governo -. Novas pressões poderão surgir dentro da CBF.

“Já estou recebendo pressões de políticos, com pedidos para que clubes A, B ou C sejam convidados para o Campeonato Brasileiro”. – Advertiu Giulite, “Mais não vou atendê-los” – Garantiu. “Meu proposito é o de exatamente acabar com os favorecimentos. Por isso, já encaminhei tudo ao diretor de futebol da CBF. Medrado Dias, com a orientação de restringir-se apenas ao trabalho sério e com planificação lógica, nos quais os critérios técnico e financeiro serão resguardados a qualquer preço” (FOLHA DE SÃO PAULO, 15/01/1980, pg. 24).

Além desta questão, ainda no texto de Gonçalves e Camargo é possível notar a importância do futebol no cenário nacional, e consequentemente da imprensa ligado a ele, quando a autora relembra as primeiras transmissões esportivas do Brasil na televisão. Seja preto e branco ou colorido o primeiro esporte a ser televisionado no Brasil ser o futebol só reforça ainda mais o caráter fundamental que a imprensa dava a este esporte.

² Presidente da confederação brasileira de futebol na época. Além disso, foi presidente do América Futebol Clube. Faleceu aos 87 anos em 04/05/2009.

Apesar de este trabalho focar mais na imprensa escrita, a importância da televisão e do rádio para o fortalecimento do futebol não podem ser negligenciadas. As presenças destes dois meios de comunicação no futebol ajudaram a dar força ao jornalismo esportivo e as crônicas tornaram-se cada vez mais presentes. Além claro, das mesas redondas após as rodadas do campeonato.

Voltando a *Folha de São Paulo* alguns temas são bastante interessantes para se entender o futebol daquele momento. Um deles é a formação de jovens atletas. A Taça São Paulo de Futebol Júnior já era a grande competição de formação de atletas no país, e o jornal, durante o primeiro mês do ano, deu todo o destaque à competição. Chama a atenção o destaque dado aos atletas, apesar de suas carreiras tão curtas. Em um exemplo temos uma reportagem sobre uma vitória do Corinthians sobre o Cruzeiro no dia 16/01/1980. É possível na reportagem perceber como a imprensa criava expectativas sobre os jovens atletas principalmente devido à necessidade de renovação na seleção brasileira. Formar atletas também é uma ótima forma de obter lucros com a venda de jogadores seja para o próprio mercado interno ou no exterior. A pressão era enorme nesses garotos e vinha tanto por parte da torcida quanto da imprensa que poderiam muito bem transformá-los em ídolo ou vilão rapidamente. Mais a faca nesse caso é de dois gumes: Se de um lado a pressão por resultado desde cedo poderia arruinar um futuro talento, por outro poderia prepara-lo para o time principal muito melhor. Um bom exemplo desta pressão colocada nos juvenis aparece na partida do Corinthians com o Cruzeiro pela copinha.

(...) Casagrande e Vidoti continuavam falhando no revezamento às jogadas de armação. E falhavam também nas finalizações.

(...) No primeiro tempo o jogo chegou a irritar o público, pois mesmo ganhando o domínio do jogo – no aspecto tático- o Cruzeiro pouco fazia para merecer a vantagem. (FOLHA DE SÃO PAULO, 16/01/1980, pg. 26).

Além da Taça São Paulo e sua importância para a formação de atletas, outro ponto que me chamou muito a atenção no caderno de esportes

da *Folha de São Paulo* é a postura crítica das crônicas com relação ao futebol brasileiro. Apesar de ser Tricampeã do mundo a seleção brasileira vinha de eliminações consecutivas nas copas de 1974 e 1978 e isso fazia os cronistas e jornalistas da época criticarem duramente o futebol praticado no país.

O futebol europeu estava em alta e a imprensa o considerava como o que existia de mais moderno no momento. Os atletas eram duramente criticados não só pela imprensa, mas também pelos treinadores. Em uma entrevista publicada pelo jornal no dia 17 de março de 1980, Telê Santana, Zagallo e Cláudio Coutinho diziam que os atletas brasileiros não conseguiam correr 90 minutos de uma partida e desejavam um futebol mais aguerrido por parte dos atletas.

A crítica em geral era pautada na “deficiência física” dos atletas brasileiros em relação aos europeus ressaltando que apesar de ser um futebol bastante diversificado no que diz respeito ao improviso e a técnica perdia na parte física e tática. O tipo de futebol praticado aqui no Brasil não seria suficiente para os resultados que se esperavam da seleção brasileira e para os clubes. Numa sociedade que era muito pautada por modismos europeus, o futebol não ficava de fora desse processo era de se esperar que apesar de um futebol reconhecido mundialmente pelo improviso e genialidade a imprensa era encontrar algum defeito.

Outras questões levantadas pela *Folha de São Paulo* que me chamam a atenção foram as dívidas dos clubes e a má gestão dos mesmos. A falta de organização na administração dos clubes apesar de serem bastante abafadas muitas vezes ora ou outra acabavam indo parar nos jornais. Na edição do dia 11/01/1980, por exemplo, a Ponte Preta foi destaque graças a uma dívida de C\$10 milhões de cruzeiros adquiridos devido a uma má administração proveniente de um carnê chamado “Jubileu de Diamante”. Na reportagem sobre a dívida a *Folha de São Paulo* mostrou como a Ponte Preta lidou com a situação:

Os dirigentes da Ponte Preta vão se reunir com o advogado do clube para discutir a dívida de quase 10 milhões de cruzeiros, que terão de pagar em cartório. Anteontem um oficial de justiça entregou uma carta precatória ao clube intimando-o a liquidar o débito em 24

horas. A dívida é referente ao planejamento e a distribuição do carnê “Jubileu de Diamante”, lançado a 5 anos na gestão do presidente Rodolfo Patená.

Como o clube não terá condições de recorrer, o oficial de justiça deverá ir ao estádio Moises Lucarrelli, hoje, para fazer uma avaliação dos bens patrimoniais do clube e penhorados. Mas o advogado Isolino Siqueira não está preocupado. Disse que com isso ganhará tempo para fazer um melhor estudo do processo, que já foi levado a dois julgamentos antes de chegar à fase executória (Folha de São Paulo 11/01/1980 pg.20).

Falando em dirigentes, ser cartola de futebol depende de alguns fatores. Cada clube tem seus estatutos e se organiza de maneira diferente. Mais de maneira geral, o candidato a presidente deve possuir alguns anos como sócio do clube. O perfil desses profissionais é geralmente de empresários, ou pessoas muito ligadas à história do clube. Claro que considerando o momento histórico do Brasil nesse momento muitas vezes essas eleições eram marcadas pela falta de democracia e os casos de corrupção do futebol são inúmeros. Alguns por que incrível que pareça agora que estão vindos a conhecimento público como os da FIFA (Federação Internacional de Futebol) e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Em 1980 o futebol não era mais visto apenas como um esporte. Era um produto que gerava milhões em lucro para os clubes, empresários, imprensa. As transações de atletas sejam dentro do próprio mercado brasileiro ou para fora no exterior chamam a atenção pelas cifras astronômicas gastas já naquela época. Por exemplo, temos a contratação pelo Atlético Mineiro por CR\$ 4,5 milhões do zagueiro Chicão, do São Paulo. Além desta temos a disputa entre o Napoli e o Vasco da Gama pelo passe de Jorge Mendonça que tinha um valor estipulado em 20 milhões de Cruzeiros. Apesar de existirem a muito tempo, as transações financeiras entre clubes europeus e brasileiros ganharam muita força na década de 80/90 principalmente com leis que passaram a regulamentar este tipo de mercado.

As matérias sobre violência nos estádios também aparecem com força no caderno de esportes da Folha. O clima das partidas já não era mais amistoso como podemos ver na decisão do campeonato entre Flamengo e

Atlético. Numa reportagem, o jornal relata o clima da chegada dos torcedores flamenguistas ao estádio:

(...) Mas tanta calma e consciência das surpresas que o futebol reserva não impediram que os atleticanos fossem provocados, chamados para a briga, e acabassem se envolvendo em algumas confusões no centro de Belo Horizonte. Pois o comportamento antidesportivo dos ocupantes dos primeiros ônibus que chegaram à cidade, representando a torcida carioca, exigiu até que um esquema especial de policiamento preventivo fosse acionado pela Secretária de Segurança Pública do estado. (FOLHA DE SÃO PAULO, 29/05/1980, p. 24).

Não foi apenas na final que existiram problemas de torcidas: Numa partida disputada por Palmeiras e Flamengo, a polícia novamente teve trabalho para conter os mais de 100.000 torcedores que foram ao estádio do Morumbi.

(...) Os policiais em serviço no estádio tiveram grande trabalho para acompanhar a disciplina dos quase 100.000 torcedores que foram ontem ao Morumbi. Houve muitos casos de brigas e furtos e, curiosamente, foram registrados graves acidentes. Um torcedor foi ferido por outro com uma facada, após abrir séria discursão. Além disso, muitos policiais foram chamados para atender as perigosas brigas que se desencadearam nas arquibancadas. As ocorrências na delegacia do estádio também registraram a prisão de oito batedores de carteiras, que conseguiram lesar um total aproximadamente de 45 mil cruzeiros, segundos os policiais, que recomendaram aos torcedores não levarem “tanto dinheiro ao estádio”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 28/04/1980, p. 18).

Apesar das torcidas desde muito tempo terem a prática de acompanhar seus clubes e lotar os estádios, parece que nos anos 1980 isso atingiu seu máximo. O título do Flamengo, maior torcida do Brasil já naquela época e as disputas que começavam a surgir com os outros clubes do futebol brasileiro aqueceram as rivalidades regionais existentes. Algo que muitas vezes poderia terminar em confusão.

Apesar dos vários riscos que se poderia enfrentar ao ir a uma partida de futebol a paixão falava mais alto. E essa era uma paixão que dava muito dinheiro. Na final do campeonato brasileiro de 1980, por exemplo, no jogo entre

Flamengo e Atlético Mineiro o público foi de 154.355 pessoas com renda de Cr\$ 19.726.210 a maior renda do futebol brasileiro até o momento. Infelizmente hoje a situação é um pouco diferente. Há uma elitização nos estádios do Brasil que impedem que grandes públicos como este se repitam. As cotas de televisão e os patrocinadores passaram a ser as maiores rendas dos clubes que muitas vezes deixam de lado a torcida cobrando preços de ingressos absurdos e excluindo o torcedor “comum” aquele que de fato move o clube dos estádios. Talvez de forma bruta o dinheiro arrecadado com torcida tenha crescido substancialmente mais a beleza do esporte acaba sendo excluída por interesses financeiros.

Usando o futebol, era feito de tudo um pouco para se arrecadar algum dinheiro com o esporte e não seria de esperar que não houvesse algum tipo de jogo de azar envolvendo os clubes. A loteria esportiva era febre e os jornais não deixavam de mostrar suas previsões para os jogos. Além disso, fazia questão de anunciar no jornal os ganhadores com reportagens e entrevistas com o sortudo. O que mais chama a atenção é que nas apostas havia times não apenas brasileiros, mas também da Itália, da Espanha e da Inglaterra o que dificultava as apostas principalmente porque não havia como acompanhar os jogos destes times a não ser pelos palpites que eram dados pelos jornais.

Com todo este número de temas e discussões presentes na Folha de São Paulo sobre o futebol, percebo que descolar este esporte da imprensa é praticamente impossível. Estão conectados, e a história de um se mistura com a do outro de uma forma bastante peculiar. A partir de agora através das crônicas busco entender como os jornalistas enxergavam o futebol brasileiro daquela ano, se eles eram capazes de construir rivalidades e se a imparcialidade de fato existia em suas opiniões.

CAPÍTULO 2

A PRÉ-TEMPORADA DO FUTEBOL EM 1980. OS JOVENS ATLETAS E A PREPARAÇÃO DOS CLUBES PARA A TAÇA DE OURO.

A pré-temporada do futebol brasileiro em 1980 foi bastante movimentada principalmente pela Taça São Paulo de Futebol Júnior. A competição foi a 12ª realizada pela federação paulista de futebol e reuniu 16 equipes reunidas em 4 grupos de 4 equipes cada. Classificavam-se os dois melhores de cada grupo após confronto entre eles em turno único. Um destaque importante desta edição é pela primeira vez a participação de uma equipe estrangeira o Providência do México. A competição foi disputada entre os dias 06 de janeiro ao dia 20 do mesmo mês. Após a fase de grupos os times disputavam uma fase de mata-mata sem partida de volta até a final no dia 20.

A *Folha de São Paulo Esportiva* noticiou os primeiros resultados positivos alcançados pelas equipes paulistas no dia 07 de janeiro destacando a vitória do campeão do campeonato de 1979 o Marília e os gols de Casagrande na vitória do Corinthians. Porém o maior destaque do jornal nesta data é um incidente de violência ocorrido na partida entre Santos e Internacional com relação à arbitragem. O jornal destaca que foram em vão os alertas dos organizadores do evento com relação aos casos de violência do ano anterior e destaca a “incompetência” dos policiais com a invasão dos torcedores da equipe santista.

De nada adiantaram as advertências do coordenador da Taça São Paulo de futebol juvenil, Fábio Lazari que pediu reforço no policiamento dos jogos este ano, lembrando o lamentável que envolveu torcedores do Santos e da Portuguesa de Desportos, ano passado no Canindé. Ontem pela manhã exatamente aos 7 minutos do segundo tempo quando o meia esquerda Rogério, do Internacional, marcou o segundo gol do seu time a torcida do Santos não aguentou, saltando do fácil alambrado do Pacaembu. Cerca de 50 pessoas cercaram o juiz, e por pouco não o lincharam tudo sobre o complacente olhar dos 16 impotentes policiais militares, responsáveis pela segurança do jogo.

(...) E durante 16 minutos, o juiz Pedro Inácio Filho ficou ali, no centro do gramado cercado por inúmeros torcedores que lhe davam

cutucões , ofendiam-no com palavras de baixo calão e cuspiam em seu rosto. Aos poucos os torcedores foram se afastando e, por um momento chegou-se a pensar que a partida seria encerrada por falta de garantias. Só então, quando o confronto estava controlado , sem consequências mais graves, é que acabaram solicitando um policiamento maior. (FOLHA DE SÃO PAULO, 07/01/1980, pg. 14).

Problemas relacionados com segurança não foi apenas exclusividade do jogo Santos com o Internacional. No mesmo dia a *Folha de São Paulo* noticiou outro incidente agora no jogo da Portuguesa contra o Fluminense. Aliás, a partida nem chegou a acontecer já que não haviam condições de segurança para a realização da mesma. Segundo a notícia:

(...) Temendo a repetição dos acontecimentos do ano passado , quando as torcidas da Portuguesa e do Santos promoveram um tumulto que durou nada menos do que 40 minutos, Lazari, diante do não comparecimento dos policiais militares , encarregados da segurança , decidiu não permitir que a partida se realizasse. De qualquer maneira, o árbitro Antônio Carlos Gomes não iria autorizar a partida mesmo. Ele chegou com os seus auxiliares ao estádio, e encontrou lá somente um policial. (FOLHA DE SÃO PAULO, 07/01/1980, pg.14).

Bernardo Borges de Buarque de Hollanda no texto “*O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)*” constrói um importante parecer não somente sobre as torcidas organizadas mais também com relação a violência no futebol.

Estudando o período que agrega os anos de 1968 até o fim dos anos 1980, o autor destaca como a falta de resultados em campo pode incentivar as torcidas a se mobilizar por melhorias em seus clubes. Além disso, o autor trabalha com o argumento que a idealização que a imprensa produzia aos modelos tradicionais de torcidas organizadas (as charangas) acabou por aumentar ainda mais nos jovens torcedores um sentimento de mudança com relação à forma de torcer.

Este movimento se consolida nos anos 1970, culminando na década de 80 com uma série de greves, boicotes e piquetes seja pela redução de preços de ingressos ou outras reivindicações. Para Holanda (...) “A música, de um lado, e a violência, de outro, foram os meios expressivos (...) a que esses movimentos recorreram para tomar parte e para adquirir visibilidade no universo do espetáculo esportivo contemporâneo” (HOLLANDA, 2008, pg 11).

Hollanda questiona a imagem que é comumente colocada aos torcedores de futebol argumentando que:

“A imagem depreciativa usual que se costuma atribuir à figura do torcedor de futebol – a do indivíduo vulgar, de atitudes não raras vezes irracionais, possuidor de faculdades intelectuais medianas subordinadas a estados emotivos instáveis, sobretudo a da pessoa que se vale do esporte como uma forma de evasão da realidade, como um lenitivo para as frustrações do cotidiano –, tal como tipificada por uma série de autores filiados às mais variadas correntes teóricas e tal como arraigada ao senso comum ao longo do século XX, provém de uma noção pouco precisa (...)” (HOLLANDA, 2008, pg. 65).

Partindo deste argumento o autor refina a ideia de que muitos dos hábitos praticados pelas alas violentas das torcidas de futebol remetem não necessariamente ao caráter de seus indivíduos mais sim de resquícios da relação entre o esporte e os valores da guerra. Segundo ele:

Vistos pela sociedade como arruaceiros, bárbaros e vândalos, que descontavam suas frustrações pessoais cotidianas em dias de jogos, os valores apregoados por esses grupos pareciam colidir com todos os princípios racionais dos desportos desde a sua instituição na modernidade. Os públicos esportivos haviam sido forçados de maneira correlata à invenção dos espetáculos de massa, mas a busca da excitação – força motriz do ato de torcer – acabava por se sobrepor ao controle das emoções (HOLLANDA, 2008, pg.363).

O autor ainda argumenta como a participação da imprensa pode influenciar no aumento significativo da repercussão dos atos de violência e consequentemente na criação do estereotipo do torcedor citado acima, além de eventualmente potencializar possíveis conflitos. Usando o exemplo da imagem

construída pela imprensa dos *hooligans* na Inglaterra o autor reforça seu argumento:

O fecho do ensaio contém indicações sugestivas que propiciam um gancho para a passagem rumo às questões da nossa pesquisa. O recurso à imprensa não se limita ao registro das informações fornecidas pela mesma. A suposição de uma transparência da realidade nos fatos relatados é descartada e a indagação recai no papel dos meios de comunicação na construção da imagem do *hooligan* e na fabricação do problema. Em primeiro lugar, os exemplos arrolados sobre conflitos descritos na imprensa, desde o limiar do século XX, permitiam dirimir qualquer idéia de ineditismo ao assunto. Em seguida, o acompanhamento retrospectivo das abordagens dos jornalistas esportivos acerca dos *hooligans* evidenciava o quanto o fenômeno ganhou repercussão nacional em razão do tratamento dado pela imprensa. A análise específica de tablóides esportivos populares como o *The Sun*, conhecido pela produção de matérias de teor sensacionalista, (...). Na década de 1960, quando o jornalismo inglês de uma maneira geral passava por reformulações editoriais e estruturais, a concorrência entre tablóides pelo aumento de vendas se intensificou e, em muitos casos, o sensacionalismo fez parte de uma estratégia comercial para o crescimento da vendagem. A percepção de que as brigas entre os *hooligans* cativavam o público leitor desses diários esportivos levou os jornais à ampliação da cobertura relativa ao assunto. (HOLLANDA, 2008, pg.372).

É difícil afirmar com clareza se a *Folha de São Paulo* passava por processo semelhante com relação as suas reportagens sobre violência em seu caderno de esportes. Mais como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, as reportagens sobre violência aparecem com uma relativa frequência no jornal. Como se trata de imprensa é bom sempre se partir da premissa de que nada é por acaso.

Além da Taça São Paulo de futebol júnior (ao qual retornaremos com mais notícias), outras reportagens muito comuns neste período de pré-temporada são as transações de atletas entre os clubes, o que gerava (e ainda gera) bastante curiosidade entre os torcedores com a possível chegada de um grande nome como reforço para sua equipe. No dia 09/01/1980 o jornal noticiou algumas transações de atletas. Chama a atenção nessas reportagens sobre as transações de jogadores os valores envolvidos. Por exemplo, em uma reportagem sobre Jorge Mendonça, a *Folha de São Paulo* destacou que “Por não aceitar os 42% de aumento propostos pelo Palmeiras sobre seu salário

atual de Cr\$ 82 mil, Jorge Mendonça poderá ser o próximo jogador em nível de seleção a deixar o Brasil- repetindo os casos de Oscar, Juari, e Roberto Dinamite” (FOLHA DE SÃO PAULO, 09/01/1980, pg. 24). Em outro caso, vemos o São Paulo que contratou dois jogadores por Cr\$ 7,5 milhões dois jogadores. Segundo a reportagem, “Os entendimentos foram iniciados no sábado e o negócio foi fechado ontem à tarde, na fazenda do presidente Antônio Nunes Galvão. O passe de Nei custou 2,5 milhões de cruzeiros enquanto o de Paulo César custou 5 milhões”(FOLHA DE SÃO PAULO, 14/01/1980, pg. 16).

Esse tipo de “mercado do futebol” é muito diferente do que estuda Marta Ciocarri no texto *“Mina de jogadores: O futebol operário e a construção da “pequena honra”*. Neste texto a autora estuda uma forma muito peculiar de futebol, especificamente operário e baseado muito mais na construção de valores morais do que financeiros.

Fazendo um paralelo entre os jogadores operários das minas de carvão de Creuztswald na França e em Minas do Leão no Rio Grande do Sul, a autora trabalha com a noção de que os jogadores operários das minas de carvão, através do futebol acabaram formando uma “elite-operária” que recebia privilégios em relação aos demais.

Apesar destes privilégios, que iam desde folgas maiores devidos as partidas, ou ascensão facilitada nos cargos dentro da empresa, a autora deixa claro que os que mais se destacava no futebol praticado por esses operários eram (...) “os episódios de valentia memoráveis” (CIOCARRI, 2010, pg. 83).

A autora argumenta que o futebol operário, diferente do futebol profissional, “é (...) terreno fértil para a afirmação de identidades e de antagonismos, com o sentimento de pertencimento sendo construído por oposição ao adversário próximo – seja a cidade vizinha ou bairros de uma mesma cidade construídos em torno de distintas minas como em Minas do Leão – ou distante, exacerbando diferenças sociais, políticas e étnicas” (CIOCARRI, 2010, pg.83).

O trabalho de Ciocarri ressalta bastante a noção do que a autora chama de “pequena honra”. Segundo ela, este conceito seria um sentimento de orgulho dos ex-funcionários das minas que junto às memórias de suas atuações como jogadores produziam um sentimento de heroísmo e de

pertencimento ao mundo de seu trabalho. Esta “pequena honra” tão comum aos funcionários e jogadores de futebol das minas de carvão e por que não dos diversos jogadores do futebol amador pelo Brasil, começa a se perder a partir de 1980 com o surgimento da Europa como um forte “mercado consumidor” de atletas. A questão da paixão pelo clube, o “amor à camisa” começam a ser substituídos pelo profissionalismo, e pelas questões financeiras. Porém, apesar da perda dessa “pequena honra” no futebol profissional por parte dos jogadores as torcidas parecem ainda guardar este sentimento intacto. Sentimento que muitas vezes terminam em ações violentas das torcidas seja no futebol profissional ou amador. É o caso de um dos trechos do texto de Ciocarri:

Na cidade partida ao meio por uma rodovia federal, à esquerda da BR 290, esta localizado o bairro do Recreio, considerado um dos mais pobres de Minas do Leão, cujo solo escuro indica ter-se originado de uma ocupação irregular sobre rejeitos de carvão. Essa concentração urbana havia surgido em torno de minas mais antigas e mais precárias, tais como a Mina de São Vicente, a São José e a da Coréia. No lado direito, estão os bairros que desembocam no Centro da cidade, na antiga vila operária e na Vila dos Engenheiros, ambas situadas em torno dos poços de extração da CRM. Entre os anos 1940 e 1980, havia contendidas armadas envolvendo as duas áreas: de um lado, ficavam os rapazes do Recreio, de outro, os do Leão (também referidos como do Centro ou da Baixada). Os “valentões” enfrentavam-se em brigas de rua, cada qual portando o seu facão ou adaga. A violência podia atravessar a sociabilidade dos bares, dos prostíbulos, dos clubes recreativos e das partidas de futebol. Como me dizia um informante, nessa época, “saber manusear o facão era uma questão de honra”. Alguns participantes das gangues de “valentões” trocaram depois os enfrentamentos de rua pela popularidade e as possibilidades promissoras da condição de mineiros-jogadores. Tudo isso só fez reforçar a rivalidade entre Olaria e Atlético, o primeiro sendo considerado um clube “mais popular”, o segundo visto como pertencendo a uma “elite operária”. (CIOCARRI, 2010, pg.89).

Falar da “pequena honra” termo tão bem colocado por Marta Ciocarri, me alerta para um lado do futebol ainda mais complexo. Se por um lado temos no futebol profissional a alegria das vitórias, e a fama que cercam o jogador de futebol, de outro lado sobra algo mais sombrio. A aposentadoria, o fim da carreira de um atleta ainda é uma realidade que atormenta vários jogadores no Brasil. As faltas de planejamento ao fim de suas carreiras levam muitas vezes os ex-atletas a situação de vida complicada, totalmente diferente

do que viviam em suas épocas de jogador. É o caso registrado pela *Folha de São Paulo* sobre Manuel Francisco dos Santos , mais conhecido como Mané Garrincha:

No subúrbio carioca de Bangu, todos os dias, Gérson e Ducha abrem seus botecos já sabendo que vão receber um famoso freguês. É o mais importante freguês que atendem. Não importa se ele chega com o olhar desgastado e a barriga saltando pela cintura. (...) –“Garrincha está se acabando”- diz a vizinhança, quando o maior ponta-direito da história do futebol brasileiro passa pelas ruas de Bangu , em direção aos botecos de Gérson e de Ducha. (...) - “Papai acorda às seis horas da manhã e nem toma café”- diz Marinete uma de suas filhas com a voz embargada. “Vai direto para um boteco e começa a beber. Ele só pensa nisto, não come e, desta maneira, não sei o que acontecerá com ele”. (...) As diabruras que Garrincha fazia dentro de campo desapareceram. Não vai mais ao maracanã, que já levantou flamenguistas, vascaínos, tricolores e americanos para aplaudir o Botafogo. Não o Botafogo de General Severiano, mas o Botafogo do ponta-direita Garrincha, a “alegria do povo”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 12/01/1980, pg. 22).

Não foi apenas desta vez que Garrincha e sua preocupante situação apareceu na Folha de São Paulo. Numa tentativa de mostrar um lado diferente da aposentadoria dos jogadores, o jornal produziu uma reportagem comparando Pelé e Garrincha que foi publicada no dia 14 de Janeiro de 1980:

Édson Arantes do Nascimento, Pelé, o maior jogador que o futebol mundial já teve, é hoje um importante homem de negócios (“*businissmam*”). Pelé é nada mais nada menos que consultor da Warners Communications (poderosa empresa multinacional norte-americana). “É uma espécie de relações públicas com mais autoridade”, explica.

Manuel Francisco dos Santos, Garrincha, o maior ponta-direita da história do futebol, é, atualmente, por muito favor, Agente de Desenvolvimento Comunitário da Legião Brasileira de Assistência (LBA). “Treino a molecada da zona norte do Rio para não cair na criminalidade” diz.

(...) Pelé divide grande parte do seu tempo entre luxuosos hotéis europeus, fazendo contato com empresários de diversas áreas comerciais. É ele quem divulga os discos, os filmes e todo o merchandising da Warners Communications.

Garrincha limita-se a apenas ensinar a “molecada” a jogar futebol. Aliás, “futebol não se ensina” apenas “corrigindo alguns defeitos”.

(...) É constrangedor ver Pelé sorrindo e Garrincha deitado sobre um leito de hospital, cheio de problemas: desde um processo de esclerose até uma doença que o médico disse que “não vou dizer do que se trata de jeito nenhum”. Pode ser um problema emocional.

Não se sabe por enquanto. Não é constrangedor por aquele estar sorrindo: mas por este estar-se acabando de forma melancólica , quando foi uma das maiores glórias do País, um homem simples que vai morrer sem saber se “o povo brasileiro sabe votar ou não”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 14/01/1980, pg. 16).

Os problemas enfrentados pelos atletas que terminam suas carreiras no futebol não parecem assustar os jovens jogadores. A Taça São Paulo de futebol júnior apesar dos problemas de organização continuou firme e oito equipes sobraram no torneio. No dia 15 de Janeiro a folha falou de cada um dos confrontos e ressaltou a classificação de 4 equipes paulistas para a fase final da competição:

Das 16 equipes que iniciaram a 12ª Taça São Paulo de Futebol Juvenil, sobraram oito, que disputam hoje as quartas-de-final. A primeira-fase (oitavas-de-final) foi mais longa, pois cada equipe disputou três jogos, mas a atual etapa começa e termina hoje mesmo, eliminando mais 4 times.

Corinthians, Internacional, e Atlético Mineiro, que estão invictos (como, aliás, estão o Guaraní, e o Cruzeiro), têm chances de igualarem os três títulos que apenas o Fluminense /RJ ganhou. Esse é mais um motivo para que a rodada tenha excelente público.

Os quatro jogos são eliminatórios. Assim, se houver empate no tempo normal, haverá prorrogação de meia hora (15-15) e, se necessário, cobrança de pênaltis. As quatro equipes que passarem pela etapa de hoje disputarão quinta-feira as semifinais, ficando a decisão para o domingo. (FOLHA DE SÃO PAULO, 15/01/1980, pg.24).

Os confrontos foram Corinthians e Cruzeiro, Guaraní e Atlético Mineiro, Matsubara e Santos e Palmeiras e Internacional. Destes jogos saíram vencedores que no dia seguinte receberam da Folha destaque por suas vitórias. Foram eles o Corinthians que bateu o Cruzeiro por 1 x 0. Já o Matsubara , bateu o Santos por 2 x 1. Além destes jogos os outros dois também tiveram seu destaque: o Atlético bateu o Guaraní na prorrogação por 1 x 0 enquanto o jogo mais emocionante da rodada coube as equipes do Internacional e do Palmeiras que terminou 4 x 3 para os gaúchos. Algo que me chama a atenção na reportagem é que apesar da grande partida entre Internacional e Palmeiras e os 7 gols do jogo, o destaque do jornal ficou por conta da apertada vitória do Corinthians sobre o Cruzeiro por 1 x 0.

Sobraram apenas Matsubara e Internacional, Atlético Mineiro e Corinthians. A Folha de São Paulo deu destaque às equipes semifinalistas. No confronto entre Atlético e Corinthians o jornal destacou o fato de “(...) O Corinthians, único paulista que ainda permanece na disputa da 12ª Taça São Paulo de futebol juvenil decide hoje sua passagem para a final do torneio, jogando às 21 horas no Pacaembu (...)”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 17/01/1980, pg. 28).

Já do Atlético Mineiro, o jornal destacou que o treinador da equipe “não terá problemas para escalar a mesma equipe que venceu o Guaraní na prorrogação, por 1 a 0 na última terça-feira” (FOLHA DE SÃO PAULO, 17/01/1980, pg.28). Destacou ainda que o Atlético tinha “(...) o pior dos ataques quatro ataques que se enfrentaram nas semifinais da Taça São Paulo: Marcou 5 gols. Em compensação, sua defesa levou apenas um, justamente contra o Corinthians(...)”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 17/01/1980, pg.28).

No outro confronto, entre os gaúchos do Internacional e os paranaenses do Matsubara, a Folha de São Paulo destacou a fábrica de craques do Internacional que já tinha revelado jogadores do nível de Falcão, Batista, Mauro Galvão e João Carlos. Já do lado dos paranaenses, o jornal valorizou a campanha do time que para chegar até esta fase da competição havia passado por adversários poderosos como Grêmio, Juventus e Santos.

No dia 18/01/1980 a Folha de São Paulo destacou a derrota Corintiana frente ao Atlético Mineiro por 1 a 0. E também destacou a partida conturbada entre Internacional e Matsubara que acabou sendo marcada por agressões ao árbitro e por expulsões. A crônica da partida entre Corinthians e Atlético destacou que:

A torcida esperou até o último minuto por um milagre de Carlinhos ou uma cabeçada oportunista de Vidotti, mas desta vez nem mesmo São Jorge ajudou e o Corinthians foi eliminado da 12ª edição da Taça São Paulo de futebol juvenil, ao ser derrotado pelo Atlético Mineiro por 1 a 0 ontem à noite no Pacaembu.

Agora, a decisão do torneio acontecerá sem equipes paulistas: no domingo, o Atlético vai decidir o título contra a forte equipe do Internacional, às 15 horas no Pacaembu.

(...) Desde o início da partida, os dois times buscaram o gol adversário: o Atlético a base de toques, bolas rasteiras, jogadas estudadas que invariavelmente chegavam a grande área do Corinthians que, por sua vez, perdia a briga no meio de campo e

resumia suas chances aos lançamentos insistentes ao centroavante Casagrande, quase sempre em contra-ataques.

(...) E para piorar tudo, aos 16 minutos o ponta-esquerda do Atlético iria marcar 1 a 0. Tita completou bem a cobrança de uma falta em dois toques: a bola passou pela barreira que abriu, e passou ao lado do goleiro Tadeu, que tinha – para azar da torcida- escorregado. (FOLHA DE SÃO PAULO, 18/01/1980, pg.28).

No outro jogo, entre Internacional e Matsubara novamente tivemos problemas relacionados com tentativa de agressão a arbitragem. Segundo a Folha de São Paulo:

Num jogo tumultuado e violento, com quatro expulsões, ameaças de agressão ao árbitro José de Assis Aragão, e apenas um gol, o Internacional de Porto Alegre tornou-se finalista da Taça São Paulo de futebol júnior, ao vencer o Matsubara, do Paraná, por 1 a 0 ontem á tarde no Pacaembu.

(...) Logo em seguida , quando faltavam poucos minutos para o fim do jogo, as faltas violentas – que se repetiam desde o início – resultaram num conflito entre vários jogadores dos dois times. Mário Sergio, do Matsubara, atingido duramente pela defensiva gaúcha, revidou levando o troco. Formou-se o conflito e quatro jogadores foram expulsos. João Gilberto e Chico Assis gaúchos, e Mário Sergio e Ronaldo paranaenses.(FOLHA DE SÃO PAULO, 18/01/1980, pg.28).

Com as semifinais concluídas as jovens promessas de Atlético Mineiro e Internacional foram até o Pacaembu para decidir a competição. E no dia 21/01/1980 a Folha de São Paulo exaltou o título do Internacional dando destaque à tranquila vitória de 3 a 0 sobre o Atlético Mineiro e á politica do clube de formar atletas com tanta facilidade. Citando nomes como Falcão, Batista e Jair, o jornal estampou a foto de capa com os jogadores campeões e destacou o fato da equipe ter ganhado o tricampeonato da competição ganhando em definitivo o troféu da Taça São Paulo.

Na reportagem do jogo final, pela primeira vez vemos uma crônica assinada. Nailson Gondim e Luiz Fernando Rodriguez emitiram sua opinião sobre o jogo buscando apenas descrever os acontecimentos da partida. Como veremos a seguir:

(...) Os primeiros minutos do jogo revelaram bom equilíbrio por parte das equipes, que chegaram a movimentar os torcedores com boas jogadas táticas e técnicas. Não havia descuidos dos jogadores, apesar de estarem a pouco passos da fama, como já estiveram

muito outros como Falcão, Enéas, Batista, Juari, Zé sergio e muito outros.

(...) Os dois times mostravam um jogo duro, porém bem disputado, confirmando o equilíbrio dos jogos decisivos. Apresentavam ainda bons estilos, dribles curtos, muita direção ao gol, cruzamentos de primeira e penetrações rápidas. Este foi o panorama do primeiro tempo, no qual o ataque do Atlético, aos 27 minutos, desperdiçou grande chance com o gol livre a sua frente.

Como no folclore do futebol “quem não faz, toma” a fase final foi toda do Inter (...). (FOLHA DE SÃO PAULO, 21/01/1980, pg.20).

Terminada a Taça São Paulo de futebol júnior, os torcedores começavam a se preparar para o Campeonato Brasileiro. Esse sim a maior competição nacional do futebol nacional. A partir do início do campeonato brasileiro crônicas como essa da Taça São Paulo tornam-se mais frequentes e nos ajuda a entender melhor como o jornal se posicionava perante os clubes, os jogadores etc.

CAPÍTULO 3

CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1980: A TRAJETÓRIA DO CAMPEÃO CONTADA EM CRÔNICAS.

A primeira reportagem falando sobre o campeonato brasileiro de 1980 apareceu ainda no mês de janeiro. No dia 20 a Folha de São Paulo publicou a fórmula de disputa da competição que foi organizada pela nova direção da CBF. Na reportagem o jornal destaca que:

A nova diretoria da CBF deverá se reunir amanhã e terça-feira para traçar os primeiros planos da entidade e, principalmente, definir a fórmula de disputa do campeonato brasileiro, que será anunciada quarta-feira pelo diretor de futebol Medrado Dias. (...)

1-Seria disputada a Taça Ouro – 1ª divisão -, com 40 clubes de âmbito nacional com todos os campeões estaduais de 79 garantidos (...); 3- na Taça Ouro, os grupos seriam divididos em quatro grupos de 10, classificando-se para a fase final 7 clubes de cada grupo num total de 28;

Dos 40 clubes que iniciarão a disputa da Taça Ouro, Márcio adiantou que deverão ser 7 de São Paulo, 5 do Rio, 3 do Rio Grande do Sul, 3 de Minas Gerais, 3 do Paraná, 2 da Bahia e mais os campeões dos demais estados. (FOLHA DE SÃO PAULO, 20/01/1980, pg.36).

Ao fim das negociações a CBF confirmou a competição conforme a matéria da Folha de São Paulo tinha noticiado. 10 clubes, divididos em 4 grupos classificando-se 7 para a próxima fase. Estes 7 clubes de cada grupo depois em uma segunda fase se dividiam em 8 grupos de 4 clubes cada. Destes os 2 melhores de cada grupo em turno único, passavam a fase final da competição onde mais 4 grupos eram formados desta vez passando apenas os melhores de cada grupo. A partir daí se iniciava a fase de mata-mata em jogos de ida e volta.

O Flamengo clube campeão brasileiro daquele ano caiu no grupo C composto por Botafogo da Paraíba, Internacional, Ponte-Preta, Mixto, São Paulo (RS), Náutico, Itabaiana, Ferroviário e Santos. Terminou esta fase na terceira posição, com uma campanha de 11 pontos sendo 4 vitórias, 3 empates e 1 derrota.

O Jogo que abriu a campanha do Flamengo na competição foi contra o Santos. E no dia seguinte o jogo recebeu todo o destaque por parte da Folha de São Paulo. Duas crônicas foram publicadas Tônico Duarte de um lado

criticou durante a equipe do Santos. E Aroldo Chiorino alegou que a equipe santista merecia melhor sorte na partida e que um empate seria mais justo. Duarte alegou que na equipe santista:

“Não existe nada de novo- pelo menos em relação ao passado recente - neste time que, ontem, deixou o Morumbi amargando uma derrota de 1 a 0 para o Flamengo. Algumas caras novas, isto sim, talvez até um aceno de esperança para a segunda maior torcida do estado. Entretanto como um todo, o Santos continua apresentando os mesmos defeitos e qualidades dos dois últimos anos. É como alguém que se submeteu a uma cirurgia plástica, mas cuja essência não se modificou.

Tecnicamente, trata-se de uma equipe heterogênea: um bom goleiro, uma defesa que tangência o adjetivo “ridículo”, um meio de campo de algum nível técnico e um ataque sem punch. Nesse desnivelamento reside a insegurança que se nota na equipe, em dados momentos. O time alinhava muito bem, mas parece sempre incapaz de dar a costurada final. (FOLHA DE SÃO PAULO, 25/02/1980, pg.18).

Já na outra crônica de Aroldo Chiorino, a posição do jornalista é muito diferente do que pensou Tônico Duarte sobre a partida. O jornalista enxergou que:

A vitória do Flamengo por 1 a 0, ontem á tarde no Morumbi, não foi um resultado justo para o Santos, que merecia o empate pelo futebol que apresentou no segundo tempo, quando criou boas oportunidades para marcar. Algumas foram desperdiçadas pelos seus próprios jogadores e outras bem neutralizadas pelo goleiro Raul, que se apresentou muito bem. A verdade é que o jovem time do Santos soube como enfrentar o experiente Flamengo, que no primeiro tempo se apresentou melhor estruturado e chegou ao gols que lhe valeu a vitória. Um bom resultado para quem estreou na Taça de Ouro jogando no campo do adversário. (FOLHA DE SÃO PAULO, 25/02/1980, pg.18).

Uma importante referencia sobre crônica esportiva é Luiz Henrique de Toledo. No livro “*Lógicas no futebol*” o autor trabalha de maneira bem precisa, como surgiu a crônica esportiva no Brasil. Para ele o conceito de crônica esportiva é:

(...) uma instância de intermediação material, tecnológica e simbólica entre *torcedores* e *profissionais*, constituída a partir de arranjos sociológicos passíveis de maior sistematização e tipologização, o que ocorre em menos escala no universo dos jogadores, técnicos, dirigentes etc. e sobretudo no domínio amplo dos torcedores, embora também aí se verifique a formação de certos arranjos

institucionais e formalizações particulares do torcer,(...). Embora não configure, obviamente, um grupo homogêneo, apresenta-se como portadora de um conjunto articulado de representações, fixadas em discursos, saberes e práticas diferenciadas, contrapostas às dos *torcedores* e *profissionais* – jogadores e técnicos, sobretudo. (TOLEDO, 2002, pg.160).

Esta definição de crônica esportiva que parte do princípio de que a mesma é o maior espaço de interação entre “futebol” e “torcedor” segundo Toledo, confere ao cronista um espaço de prestígio em relação a outros jornalistas. Um prestígio que coloca o cronista próximo à fama do jogador. Segundo ele:

Essas dimensões, que expressam determinados saberes, conferem à prática dos cronistas esportivos uma visibilidade e prestígio ante o imaginário torcedor. Todavia, em que pese a grande audiência dos programas televisivos e radiofônicos, da popularidade dos diários, semanários e revistas esportivas, que alçam muito desses profissionais a carreiras tão prestigiadas quanto às conquistadas pelos próprios jogadores famosos, as representações observadas, de modo geral, entre as coletividades *torcedoras*, *especialistas* e *profissionais*, revelam pontos de vista menos consensuais do que supostamente se imaginam, pondo em disputa maneiras multifacetadas de conceber e viver o domínio esportivo em questão. (TOLEDO, 2002, pg.161).

Toledo, também escreve sobre de quem seria a responsabilidade do surgimento da crônica esportiva no Brasil. Segundo ele, muitos atribuem a Mário Rodrigues Filho este mérito. Contudo outra corrente que pregava uma ideia de futebol mais ligado à educação, idealiza por Carlos Saloya, um médico filiado à Sociedade Brasileira de Tuberculose e do Instituto dos Industriários do Rio de Janeiro, apoiava que a crônica esportiva havia sido criada por Max Valentin, em um modelo que deixava de lado a improvisação e uma linha editorial mais despojada.

Esta visão mais tecnicista acaba não ganhando notoriedade. Nomes como os de Mario Filho e Nelson Rodrigues acabam ganhando destaque pelo fato de misturarem uma postura de torcedor, de emoção, com a objetividade na narrativa dos fatos da partida. Segundo Toledo, a crônica construída por esses jornalistas vinham carregadas pelo ponto de vista da paixão, e tanto na derrota quanto na vitória fugiam de respostas racionais.

As crônicas da Folha de São Paulo parecem fugir um pouco desse estilo que era praticado por Nelson Rodrigues por exemplo. Elas tendem a ser muito narrativas, talvez temendo censura por parte dos órgãos da ditadura militar. Porém o quanto essas crônicas tinham de narrativas com relação às partidas, muitas vezes possuíam um tom clubista e bairrista.

As crônicas sobre a campanha do Flamengo continuaram aparecendo. No dia 03/03/1980 a Folha publicou o resultado da partida contra o Internacional válida pela segunda rodada do grupo C. A crônica destacou que:

Com uma grande superioridade, o Flamengo venceu o Internacional por 1 a 0 no Maracanã com um gol de Zico, numa partida em que poderia ter goleado o seu adversário que terminou a partida com apenas oito jogadores, já que Mário Sergio, no primeiro tempo, Adilson e Batista no segundo, foram expulsos de campo.

A partida começou mostrando que o Flamengo deveria ser o ganhador. Já aos 2 minutos, Zico perdeu o primeiro gol de uma série que o ataque do Flamengo deixou de marcar. Com uma grande movimentação no meio campo, com Carpegiane, Zico, Tita, Adílio e Reinaldo se revezando e criando situações de gol, perdidas por deficiência na complementação ou por boas intervenções do goleiro Gasperim. (FOLHA DE SÃO PAULO, 03/03/1980, pg.12).

Após esses dois jogos o time do Flamengo ficou praticamente um mês sem aparecer na Folha de São Paulo. Nesse meio tempo a equipe enfrentou nos dias 06/03/1980 o Botafogo PB (FLA 1x2 BOT PB), e no dia 09/03/1980 o Mixto (MIX 0 X 2 FLA). No dia 12/03/1980 bateu a Ferroviária (FLA2 X FER SP 1) e quatro dias depois empatou com o Náutico (FLA 2 X NAU 2). Goelou no Maracanã a equipe da Itabaiana no dia 20/03/1980 (FLA 5 X 0 ITA)e empatou no dia 23/03/1980 com o São Paulo RS (SAP RS 0 X FLA 0)³. Na ultima rodada da primeira fase no dia 30/03/1980 a equipe encarou a Ponte Preta e mesmo assim não houve reportagens sobre o empate das duas equipes (FLA 2 X PONT 2) na primeira fase. A equipe encerrou a primeira fase em terceiro lugar, com 11 pontos ganhos e uma campanha de 4 vitórias, 3 empates e 1 uma derrota.

³ Para informações mais detalhadas sobre as partidas acesse:

<http://futpedia.globo.com/campeonato/campeonato-brasileiro/1980#/fase=primeira-fase-brasileiro-1980>

Na segunda fase, o Flamengo caiu em um grupo composto por Palmeiras, Bangu, e Santa Cruz. Na estreia, empatou com o Santa Cruz no Arruda sem gols, e depois recebeu o Palmeiras no Maracanã. Neste jogo o Flamengo volta a merecer destaque do jornal já que provavelmente aquela foi a melhor atuação da equipe. Contudo a Folha de São Paulo, apesar do placar elástico, destacou que o Flamengo vivia uma crise e buscando justificativas para a derrota do Palmeiras publicou três reportagens sobre a equipe paulista.

No vestiário do Flamengo não havia grande comemoração. Todos se mostravam alegres, mas reconhecendo que a goleada sobre o Palmeiras não representou uma excelente atuação do time. Um dos mais comedidos e que evitava os cumprimentos era Zico:

“A gente foi obrigado a partir para o ataque”- disse Zico – “Fizemos boas jogadas, então merecemos a vitória. Foi importante para nós sabermos a hora exata de contra-atacar e se desmarcar. O Pires, por exemplo, correu atrás de mim e não encontrou”.

(...) A situação na Gávea, contudo não é das melhores. O trabalho de Cláudio Coutinho parece que está cansando os jogadores e a própria torcida. As teorias estão terminando e Coutinho não sabe como fazer para substituir os termos que, com habilidade cria. Para ele, o Flamengo não deve formar divisões “inferiores”, mais sim “básicas”. Coutinho só não encontrou desculpas para justificar a entrada de Andrade no lugar de Adílio (esquema que deu certo é verdade). O titular está negociando seu contrato com o clube e, de repente, se viu sacado da equipe. Coutinho garantiu que não foi pressão da diretoria para desvalorizar o jogador:

“Para tomar essa decisão pensei bastante e deu certo não é?”

(FOLHA DE SÃO PAULO, 14/04/1980, pg.10).

Sobre a atuação do Palmeiras uma das várias reportagens destacou que:

No vestiário do Palmeiras, somente o técnico Oswaldo Brandão estava seguro e tranquilo de suas justificativas, porque a maioria dos jogadores preferia lamentar-se do primeiro gol que o time sofreu, para achar a desculpa pela goleada diante do Flamengo:

“Achei que o primeiro gol deles atrapalhou tudo”- dizia Lúcio. “Tomamos um gol que não devíamos tomar. Não quero culpar ninguém, mas houve falha. Outra coisa: o Zico com aquela cobrança de falta levou o nosso time a se perder um pouco. Mas houve ainda outra coisa: o esquema de jogo. Já era de costume a equipe a jogar com dois volantes, com a entrada do Wilson, mudou tudo ficamos meio perdidos. O meio da área ficou descoberto. Quanto a minha

volta esperava uma atuação melhor” (FOLHA DE SÃO PAULO, 14/04/1980, pg.10).

De todas as reportagens sobre a atuação do Palmeiras a que merece mais destaque é a de Nailson Gondim. A crônica do jornalista, apesar de exaltar os erros cometidos pelo treinador Palmeirense termina de uma forma bem peculiar com o jornalista captando um clima bem amistoso entre os treinadores das duas equipes após o jogo:

(...) Seria injusto dizer que Oswaldo Brandão fracassou. Mas é justo dizer que errou. A tática do Palmeiras até serviu de modelo para o time do Flamengo. Isso porque o técnico Cláudio Coutinho pegou seus livros da cabeceira da cama e não encontrou nenhum capítulo especial para enfrentar o esquema de Brandão (dois cabeças de área e dois pontas bastante abertos) Então, Coutinho procurou usar o mesmo esquema com Andrade e Carpegiane fazendo o mesmo que Pires e Wilson, repetindo a tática com Tita e Júlio César, ou seja, o que faziam Lúcio e Baroninho.

(...) As explicações de Brandão foram interrompidas pelo presidente do Flamengo, Márcio Braga, que entrou no vestiário para cumprimentá-lo. Quando Brandão o viu, parou a entrevista e se dirigiu a Márcio:

“O, meu presidente...”- disse o técnico. “Parabéns vocês jogaram bem e ganharam. Cadê o Couto?”

“Está lá...” – respondeu o dirigente.

(...) “Couto, foi um jogo sem violência, com muita lealdade. Tanto que só ouve um ou dois cartões amarelos não foi?”.

“Isso mesmo”- respondeu Coutinho. “O Toninho me disse que não aguentou e teve de sair de campo para comemorar o gol que marcou. E foi tão rápido”.

(...) “Foi o meu dia, não é Brandão?”- ponderou Coutinho. “A vingança agora é lá (risos)...” (FOLHA DE SÃO PAULO, 14/04/1980, pg 10).

Luiz Henrique de Toledo, em seu livro fala sobre dois conceitos que às crônicas muitas vezes vinham recheadas: *Clubismo* e *Bairrismo*. Segundo o autor, “os interesses e as paixões particulares, por clubes ou por estados de federação (...) emperravam a consolidação institucional e técnica de um futebol nacional”. (TOLEDO, 2002, pg.170).

O *Clubismo* e o *Bairrismo* foram definidos, como um dos três pilares que prejudicavam o futebol no Brasil. Junto com a indisciplina em campo, os outros dois, foram definidos como uma má conduta da parte dos cronistas, sendo os mesmos colocados como corresponsáveis pelas “mazelas disseminadas no domínio esportivo” (TOLEDO, 2002, pg.170).

A questão do *Clubismo* e do *Bairrismo* no futebol se tornou preocupação até mesmo entre os próprios jornalistas. Um exemplo dado por Toledo, e do jornalista Juca Kfourir que ao longo dos anos 1990 denunciou a “relação simbiótica e perversa estabelecida não mais somente entre jornalistas e dirigentes, mas também entre jornalistas e jogadores de futebol. Um caso que ilustra tal fato pode ser observado na reformulação da equipe esportiva da TV Bandeirantes no ano de 1997 em virtude das denúncias de que vários jornalistas, apresentadores e comentaristas estavam agenciando jogadores de futebol, reunidos em torno de uma empresa que tratava dos interesses de atletas”. (TOLEDO, 2002, pg.172).

Independente da forma que a campanha do Flamengo ou que os clubes paulistas foram retratados pela Folha de São Paulo, o time seguiu seu caminho. No dia 17/04/1980 o Flamengo recebeu o Bangu no maracanã e venceu pelo placar de 2 a 1. Bateu ainda o Santa Cruz novamente no maracanã. Mais o jogo que de fato era aguardado pela Folha de São Paulo, era à volta contra o Palmeiras. E no dia 28/04/1980 Nailson Gondim e Luiz Fernando Rodriguez publicaram suas opiniões sobre o jogo:

O time do Palmeiras passou por três estágios ontem á tarde, no Morumbi, contra o Flamengo: derrota, vitória e empate. A equipe sofreu um gol, reagiu e empatou; marcou um gol e passou a frente da equipe carioca. Nos últimos minutos do jogo, cedeu o empate de 2 a 2 que acabou frustrando a linha de frente da equipe: Lúcio, Jorginho, César e Baroninho. Foram eles quem empurraram o adversário para trás e durante toda a partida lutaram para sustentar o espírito de vingança contra o rival dos inesquecíveis 6 a 2 do ultimo jogo. (FOLHA DE SÃO PAULO, 28/04/1980, pg.18).

Além de Gondim e Rodriguez , Aroldo Chiorino também escreveu sobre a partida contra o Palmeiras. Destacando o jogo anterior e o sentimento de revanche Chiorino escreveu assim:

A “negra” entre Palmeiras e Flamengo não teve vencedor; 2 a 2 ontem a tarde no Morumbi, diante de um público superior a 90 mil pessoas. O Palmeiras não só conseguiu a reabilitação contra o campeão carioca, como também deixou escapar a classificação que com a vitória estaria assegurada, diante da derrota do Bangu para o Santa Cruz. O jogo foi bom, principalmente no primeiro tempo, e o resultado pode ser apontado como justo. (FOLHA DE SÃO PAULO, 28/04/1980, pg.18).

Mais de todas as crônicas e reportagens apresentadas sobre este jogo, a que mais se destaca é uma reportagem falando sobre o congestionamento que as torcidas tiveram que enfrentar para chegar ao estádio do Morumbi. Segundo a reportagem:

Apesar de todo o alarde feito durante a semana, sobre a importância do jogo entre Palmeiras e Flamengo, as autoridades responsáveis pelo trânsito de São Paulo não acreditaram no óbvio; 92 mil pessoas foram ao Morumbi, enfrentando congestionamentos em quase todos os cruzamentos da cidade, sem que os poucos guardas encarregados de fazer escoar os automóveis pudessem ter atitude mais prática do que soprar apitos.

(...) A todos, porém, estariam reservadas emoções insuspeitadas. Os responsáveis pelo Departamento Técnico da Federação Paulista de Futebol marcaram a partida preliminar – entre os “juniors” de São Paulo e Ponte Preta – para as 13:45, ignorando que o jogo principal fora determinado para começar às 16:30. Assim os milhares de torcedores que chegaram ao estádio após as 15:20 – quando terminou em 1 X 1 a preliminar, marcada supostamente para atrair e distrair os espectadores da partida principal – passaram mais de uma hora em atividades de lazer diversas como evitar os batedores de carteira, (foram presos oito, que haviam roubado 45 mil cruzeiros), desembolsar os fogos trazidos para dentro do estádio (algumas dezenas explodiram na entrada dos dois times) e invadir as numeradas, praticamente tomadas pelos torcedores das gerais meia hora antes do início da partida.

E tantas atrações ainda seriam acrescidas pela invasão de um torcedor descamisado, que se deu ao luxo de ajoelhar, no gramado vazio, e exibir triunfante uma camisa do Palmeiras. (FOLHA DE SÃO PAULO, 28/04/1980, pg.18).

Depois deste jogo, o Flamengo encarou o Bangu vencendo por 3 a 0 e encerrando sua participação na segunda fase da competição. A campanha de 4 vitórias, 2 empates e 0 derrotas o credenciou para a terceira fase em um grupo com Santos, Desportiva Ferroviária e Ponte Preta.

No dia 11/05/1980 o Flamengo recebeu a Desportiva Ferroviária no Maracanã e com tranquilidade venceu por 3 x 0. A Folha de São Paulo não comentou nada sobre esta vitória. No outro jogo a equipe foi até Campinas encarar a Ponte-Preta. Num tom bem objetivo a reportagem se limitou a dizer que o resultado praticamente tinha eliminado a Ponte-Preta da competição. Já para o Flamengo, o empate acabou sendo um ótimo resultado que praticamente assegurou a equipe carioca na próxima fase:

A Ponte-Preta foi praticamente desclassificada da Taça de Ouro, ao empatar ontem à noite com o Flamengo, por 1 a 1 no Moisés Lucarrelli. Humberto aos 19 e Nunes, aos 31 minutos do segundo tempo, marcaram os gols da partida, em que a Ponte atacou muito em busca de uma vitória, que seria sua salvação. (FOLHA DE SÃO PAULO, 15/04/1980, pg. 32).

O jogo final da terceira fase da competição foi contra o Santos. Ambas as equipes precisavam da vitória para garantir sua participação na fase decisiva do campeonato. E a equipe carioca não decepcionou: Mostrou toda sua força novamente dentro do Maracanã e garantiu a classificação para as finais:

Com a vitória de 2 a 0 sobre o Santos, ontem no Maracanã, o Flamengo precisa de dois empates, contra o Coritiba- quarta feira, em Curitiba, e domingo, no Rio- para chegar a decisão da Taça Ouro. Os gols foram marcados por Zico, sendo um em cada tempo (o segundo de pênalti cometido por Neto). A renda de CR\$11.610.690,00, com 110,079 pagantes é o novo recorde brasileiro. (FOLHA DE SÃO PAULO, 19/04/1980, pg. 18).

A vitória empolgou bastante os flamenguistas principalmente o treinador Cláudio Coutinho. Segundo ele o Flamengo finalmente se credenciava como equipe a disputar o título:

“Pintou o campeão brasileiro de 80”- a frase foi repetida em todos os microfones e entrevistas pelo técnico Cláudio Coutinho ontem, no vestiário do Maracanã, após a vitória sobre o Santos. Entusiasmado com a exibição de sua equipe, que obteve na sua opinião uma vitória até de certo ponto modesta- diz que merecia golear – Coutinho explicou também como anulou o time de Pepe. (FOLHA DE SÃO PAULO, 19/04/1980, pg. 18).

Ao Santos, coube apenas lamentar a eliminação que foi justificada pelo seu treinador por causa da imaturidade da equipe. Contudo, a equipe santista não foi à única do estado de São Paulo a ficar fora das finais. Todas as outras equipes paulistas foram eliminadas e a Folha de São Paulo precisava encontrar repostas para entender o que se passou. Através de crônicas escritas por Aroldo Chiorino e Nailson Gondin a Folha de São Paulo analisou as campanhas das equipes paulistas.

Gondin publicou uma reportagem mais completa trazendo opiniões de vários jornalistas, atletas, e treinadores sobre a eliminação dos paulistas.

Entre alguns dos entrevistados se destacam as falas de Oswaldo Brandão, técnico do Palmeiras, e do treinador e alguns jogadores do São Paulo:

(...) Oswaldo Brandão (técnico do Palmeiras) – “Acho que não é fracasso, se levarmos em consideração que o problema é essa maratona de jogos, pois não é possível um time jogar vinte e tantas partidas num espaço de 4 meses. A maioria vem de um campeonato paulista e entra num campeonato brasileiro que é doido. Desgastaram-se (...).

(...) Carlos Alberto Silva (técnico do São Paulo) - “O que pesou nisso tudo foram as más arbitragens. Mais numa análise geral, acho que faltou estabilidade aos paulistas, pois estão passando por um período de transição, alternando suas campanhas com altos e baixos” (...).

Valdir Pérez (goleiro do São Paulo) – “A culpa é do juiz, pois fomos bastante prejudicados pelos árbitros”.

Zé Sérgio (ponta esquerda do São Paulo) – “Não tenho duvidas de que o problema justifica-se pelas más arbitragens. No jogo contra o Vasco, por exemplo, o juiz estava tão nervoso que percebi que jamais tinha pisado no Maracanã. Como é que pode?”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 19/04/1980, pg18.).

Sobram 4 equipes: Atlético Mineiro e Internacional de um lado e Flamengo e Coritiba do outro. O Atlético no Mineirão empatou no dia 25/05/1980, com o Internacional por 1 a 1. No jogo de volta no Beira-Rio, a equipe Atleticana não perdoou os gaúchos e eliminou a equipe do sul com um placar de 3 a 0. Já o Flamengo, confirmou seu favoritismo: No Couto Pereira venceu por 2 a 0 e no Maracanã apesar da apertada vitória por 4 a 3 conseguiu chegar a sua primeira final de campeonato brasileiro. A Folha de São Paulo acabou dando pouco destaque às essas partidas, já que com os paulistas eliminados seu publico alvo provavelmente havia perdido o interesse na competição.

O primeiro jogo da final, no dia 28/05/1980, não recebeu muito destaque da Folha de São Paulo. Destacando a boa partida da equipe mineira, o jornal lembrou que o Atlético levaria seu segundo título com um empate no Maracanã:

O Atlético Mineiro jogou bem, ontem à noite no Mineirão, e venceu o Flamengo por 1 a 0, na primeira partida decisiva pela Taça de Ouro. Agora, joga pelo empate domingo no Maracanã. Mas, se perder o Flamengo será o campeão. O time carioca deverá ter a volta de Zico, refeito da contusão e de novo contrato: 850 mil cruzeiros por mês. (FOLHA DE SÃO PAULO, 29/05/1980, pg.24).

No jogo segundo este sim valendo o título do campeonato, a *Folha de São Paulo* fez uma cobertura mais completa. Enaltecendo a vitória do Flamengo pelo placar de 3 a 2. O Caderno de esportes foi quase que completamente dedicado à final que marcou a ascensão do Flamengo como um campeão nacional algo que faltava a história do clube. Em uma das reportagens vemos a dramaticidade que envolveu a partida:

Foi uma partida dramática e emocionante. Cheia de alternativas. Mas o Flamengo derrotou o Atlético Mineiro por 3 a 2, ontem, no Maracanã e conquistou merecidamente o título de campeão da Taça Ouro (campeonato brasileiro) de 80. O primeiro tempo terminou com vantagem para o Flamengo por 2 a 1, gols de Nunes e Zico. No segundo, Reinaldo chegou a empatar, mas Nunes, aos 37 minutos garantiu a vitória e o título no jogo que marcou o recorde brasileiro de renda, com CR\$ 19,726,610. Agora Flamengo e Atlético vão disputar a Taça Libertadores de 81. (FOLHA DE SÃO PAULO, 02/06/1980, pg.18).

Além da reportagem do jogo, a Folha de São Paulo destacou ainda a festa rubro-negra no vestiário do Maracanã. Festa que regada com bastante cerveja e samba:

A alegria era imensa no vestiário do Flamengo, após a vitória por 3 a 2. Celebrações, gritos, enfim uma verdadeira festa, que foi completada na Gávea, com 40 mil litros de chope e muito samba. O presidente do clube, Márcio Braga, sorridente, anunciava a meta do clube: conquista do título mundial.

“Vamos ganhar tudo, e vamos nos classificar para a libertadores e ser campeões do mundo. Compraremos o passe de Nunes, ao Monterrey do México por 330 mil dólares, e vamos ainda conseguir dois ou três reforços para a defesa. As finanças deste ano estão sendo um sucesso e só nos resta continuar colecionando títulos- disse Márcio Braga. (FOLHA DE SÃO PAULO, 02/06/1980, pg.18).

Do lado do Atlético Mineiro só restou lamentar. Esta era a segunda vez que a equipe desde que conquistara o brasileiro de 71 termina na segunda colocação dando ao time uma fama de “cavalo paraguaio”⁴. O jornal destacou principalmente a reclamação atleticana com a polêmica arbitragem de José Assis de Aragão que expulsou três jogadores da equipe mineira. Um deles foi Reinaldo um dos que estava mais enfurecido com a situação:

⁴ Expressão do meio do futebol a equipe que fica marcada por fazer grandes campanhas, mas que acaba não conseguindo ganhar títulos.

(...) “Imaginem vocês que ele teve a coragem de dizer ao Osmar que ia me esperar fora do estádio, após o jogo, para me pegar. Está aí o retrato da pobreza do futebol brasileiro, pois o Aragão não tem índole para dirigir uma partida desse nível”.

(...) “Sofri uma distensão na perna direita, e não conseguia correr. Depois do gol, ele exigiu que eu voltasse ao nosso campo com mais rapidez, mas como se eu estava com uma distensão? Isso prova a falência do nosso futebol: um juiz suspeito, corrupto desde o tempo do futebol de várzea, que apenas tumultuou o jogo. A tal ponto que ninguém está falando na bonita vitória do Flamengo”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 02/06/1980, pg.18).

Por fim, o jornal apresentou ainda uma ficha completa de todos os jogadores campeões pelo Flamengo, e relatou alguns incidentes no estádio de brigas entre os torcedores. Alguns acabaram feridos com foguetes e tiveram algumas queimaduras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre imprensa e futebol é basicamente estruturada na ideia de um casamento. Um apoia o outro, seja um lado auxiliando na venda de jornais, seja do outro contribuindo para o aprimoramento do esporte através da opinião de vários jornalistas e cronistas.

Contudo essa relação também pode ser formada por desgastes, principalmente por uma excessiva vontade por parte de um dos lados de obter lucro com o outro. Muitas vezes as opiniões da imprensa podem vir carregadas pela falta de isenção e mais atrapalhar do que ajudar.

Estudar o futebol é obter importantes informações acerca do momento vivido pelo país. Como mostrado neste trabalho, ele acaba refletindo muito do sentimento de uma época e de um determinado povo. E de certa forma, todas estas questões acabam se revelando através das páginas de jornais, nas mesas redondas e nos programas esportivos.

Infelizmente ainda há por parte dos historiadores certo receio em se trabalhar estas questões por meio do futebol, já que “Viver o futebol dispensa pensa-lo, e, em grande parte, é essa dispensa que se procura nele” (WISNIK, 2008, pg.11).

Muitas vezes, seja por meio da imprensa, ou de outros meios como livros sobre o assunto, acaba-se por prevalecer à ideia de que o futebol mais ensina do que se aprende com ele. O que este trabalho busca de fato é mostrar que as questões colocadas pelo futebol podem fornecer respostas fundamentais para questões relacionadas a cultura de um país.

Por fim, talvez de todos os temas trabalhados aqui, o que mais me cativa é a relação entre política e futebol. Principalmente devido a uma crônica sem assinatura, publicada na mesma página da Folha de São Paulo que contou a história do último jogo da equipe no campeonato brasileiro de 1980.

Nesta crônica é possível observar importantes considerações sobre o momento da redemocratização do país e sua relação com futebol. Algo que se intensifica principalmente com Sócrates e a democracia corintiana anos mais tarde. E também como campeonato brasileiro de 1987 que fugia da ideia de integração nacional.

Reinaldo em sua coluna no “Jornal do Shopping”, distribuído gratuitamente pelos diários associados, em Belo Horizonte, disse ontem que o Atlético ao vencer o Internacional, dia 28 “de uma forma desportiva revolucionária, contrariou a vontade do presidente João Batista de Figueireido”. Explicou que o presidente apesar de ser carioca e gremista, havia afirmado que torceria para o Inter como um “gaúcho bairrista”.

O Atlético, por sua vez, ganhou um torcedor que trouxe a fé, a esperança e um ideal: Frei Beto. Foi o que se restaram na coluna.

“A Taça de Ouro chegou à final, e foi muito pesado esse torneio. Mas agora é o momento da gente vibrar com gols fantásticos, que dividem a alegria deste povo dopado pelo futebol (que até esqueceu que do poço da Petrobrás, no Amapá, saiu só água, que a gasolina subiu, e que o pique da infração aumentou)” escreveu Reinaldo em sua crônica de ontem, intitulada “Frei Beto foi o meu técnico”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 02/06/1980, pg. 18).

Esta questão (futebol e política) me motiva para o futuro, portanto é algo que por enquanto deixo em aberto.

FONTES

Acervo Folha de São Paulo disponível em:

<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp>

REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONÇALVES, Michelli Cristina de Andrade e CAMARGO, Vera Regina Toledo; “A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re) contada através da literatura”. UNICAMP.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque; “O Clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)”. Orientadora Margarida de Souza Neves; Pontifícia Universidade Católica; 2008. 2v.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda; “Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique de; “Lógicas no Futebol”. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2002.

CIOCARRI, Marta; “Mina de jogadores: O futebol operário e a construção da “pequena honra”. Cad. AEL, v.16, n.28, 2010.

WISNIK, José Miguel; “Veneno remédio: O futebol e o Brasil”. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.